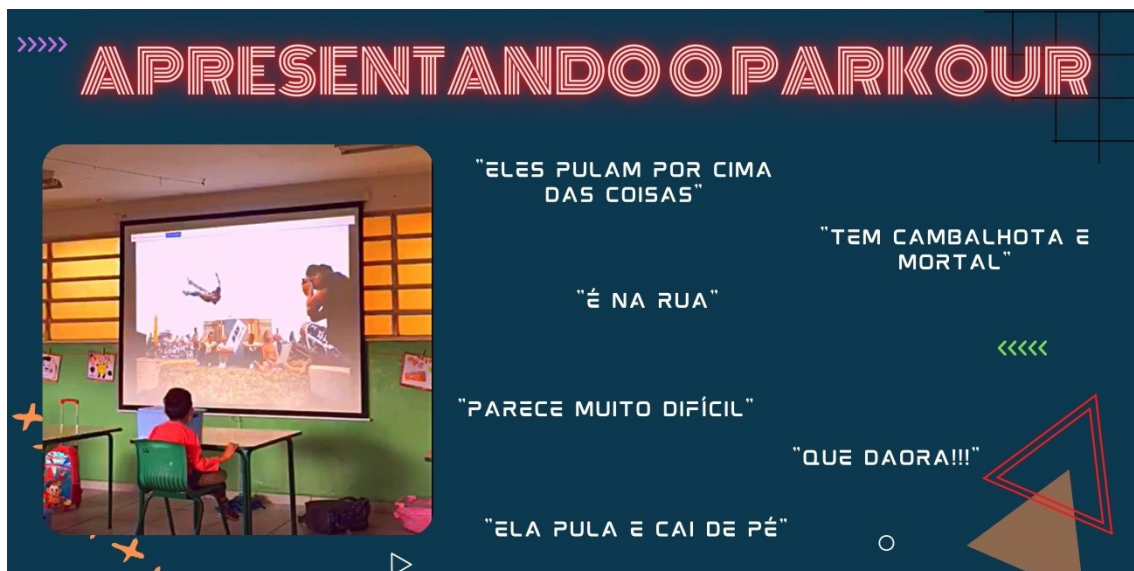


Quem faz parkour é parkourzeiro: tematizando o parkour na EMEI Nelson Mandela¹

Marina Basques Masella

A tematização do parkour junto às crianças da turma Atabaque na Escola Municipal de Educação Infantil Nelson Mandela teve início em junho de 2021. Nessa época a escola estava atendendo apenas 12 crianças por turma em decorrência dos protocolos sanitários e preventivos contra a Covid-19. A escolha pelo parkour aconteceu após observar que as crianças estavam com grande desejo de subir, escalar e correr pelos espaços abertos da escola após um longo período de isolamento social e também por ser uma prática ao ar livre e de pouco contato entre as crianças, garantindo o distanciamento social previsto para aquele período.

Quando contei para elas que o parkour seria a prática corporal que investigaríamos juntas, algumas já o conheciam, outras, não. Então, decidimos procurar alguns vídeos no YouTube em que homens, mulheres e crianças praticavam o parkour em espaços abertos e fechados da cidade de São Paulo.

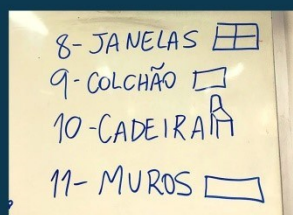
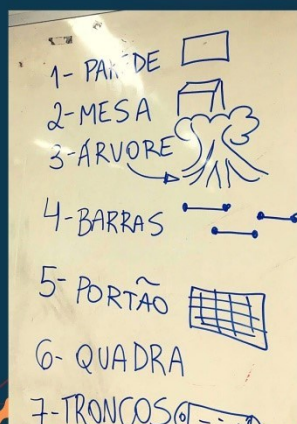


Depois de assistirmos a esses vídeos, começamos a pensar juntas em quais territórios da nossa escola poderíamos praticar o nosso parkour. E lá fomos nós, andamos, pensamos, mapeamos as possibilidades e potencialidades desses espaços.

¹ Registro em vídeo desse relato disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wwzR3Xbq4Xs>



MAPEANDO LUGARES



Após mapearmos esses espaços, decidimos montar o nosso primeiro percurso considerando tudo o que vimos em nossas andanças. Decidimos por quais lugares passaríamos, qual seria o nosso ponto de início e nosso ponto de fim. Repetimos esse trajeto várias e várias vezes e nos intervalos, conversávamos como estávamos nos sentindo, quais eram as descobertas de cada um/uma de nós dentro desse percurso e quais caminhos cada um tinha traçado dentro da rota comum definida.

Em um próximo momento, selecionei entrevistas com praticantes de parkour. Convidei as crianças para observarem o que diziam que era necessário para fazer

parkour. Destacamos três palavras ao final da leitura desses vídeos: concentração, força e equilíbrio. Decidimos então conhecer mais o que era o salto de precisão que alguns/algumas praticantes de parkour diziam ser muito importante para suas práticas. Assistimos mais vídeos, observamos as gestualidades presentes naqueles corpos e fomos vivenciar.



As crianças sentiram vontade de conversar, segundo elas, com praticantes de parkour “de verdade”. Não estávamos podendo receber visitas devido aos protocolos de segurança contra a Covid-19, então fizemos isso de forma virtual. Na página oficial dos praticantes de parkour do Brasil no Instagram consegui contato com Raíssa Chagas e Pedro Bessa, que gentilmente, toparam responder algumas perguntas das crianças em uma entrevista gravada pelo Google Meet.

Raíssa e Pedro dividiram com elas um pouco das suas histórias e relações com o Parkour, com qual idade começaram a praticar, quais eram os picos que mais gostavam de frequentar e também trouxeram o conceito de espaço público para suas falas, o que desencadeou na nossa turma uma conversa sobre o que era um espaço público e o que era um espaço privado, qual a diferença desses lugares e o que poderíamos e não poderíamos fazer em cada um. Discutimos se poderíamos fazer parkour em espaços privados, sob quais condições isso poderia acontecer, bem como nos espaços públicos. Raíssa e Pedro me perguntaram se poderiam gravar um vídeo com o que chamaram de “desafio” para as crianças fazerem na escola. Eles me mandaram esses vídeos e projetei no telão junto das entrevistas e tentamos vivenciar esses desafios que tinham proposto.



Sentimos muita vontade de ir até uma praça para realizar o parkour nesse espaço, porém havia muitas limitações por conta da Covid-19, então, tive a ideia de pedir para as famílias fazerem isso com as crianças. Mandeí no grupo de WhatsApp das famílias e professoras da turma um pouco de tudo que já havíamos conhecido sobre o parkour e propus que fizessem uma vivência nos lugares que frequentam aos finais de semana ou nos momentos de lazer. As famílias fizeram o registro em vídeo desses momentos e enviaram para mim via grupo de WhatsApp. Eu organizei os vídeos e projetei para as crianças na sala de convivência. Elas puderam assistir umas às outras e conversar como foram essas vivências.



Em determinado momento da tematização, a escola passou a receber mais crianças. Então, propus que aquelas que estavam participando desde o início compartilhassem os seus saberes com quem estava chegando. Uma delas falou que quem fazia parkour era “parkourzeiro” e as crianças que já participavam tiveram a ideia de levar as recém-chegadas ao parque natural, um espaço da escola repleto de troncos de árvores que elas adoravam explorar e realizar o parkour.



Na semana seguinte, quando cheguei à escola dizendo que aquele dia era dia de parkour, uma das crianças chamou minha atenção para o fato de que em todos os vídeos que assistíamos as pessoas praticavam parkour ouvindo um determinado tipo de música. “Prô, a gente nunca fez parkour com música aqui na escola”. Perguntei se elas queriam experimentar e prontamente responderam: “sim”. Conversamos sobre quais possíveis efeitos a música poderia gerar no nosso corpo e fomos vivenciar e experimentar.

Depois da vivência com música sentamos para conversar. As crianças disseram que sentiram o coração bater mais rápido, que parecia que a música dava energia, dava força e que elas podiam pular mais, correr mais e se movimentar mais. Depois daquele dia, nunca mais fizemos parkour sem música.



VISITA TRACEUR FELIPE MARTINS



Como momento final da nossa tematização, em um período em que já havia uma maior flexibilização, recebemos a visita do traceur Felipe Martins. Ele conversou com as crianças, tirou dúvidas sobre a prática do parkour, contou sua história, propôs uma vivência no espaço dos troncos e finalizou como uma demonstração incrível.